



2288 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 06 - Formação de Professores

A identidade do ser e do fazer docente sob a perspectiva discente: alguns desafios e possibilidades no âmbito formativo
Adriana Regina de Jesus - UEL - Universidade Estadual de Londrina

Resumo

O presente artigo tem como objetivo, identificar e analisar as representações dos discentes em relação ao ser e fazer docente. Para o desenvolvimento da análise deste trabalho, utilizou-se uma pesquisa bibliográfica pautada em pressupostos teóricos de autores que trabalham com o tema, objeto do nosso estudo. Realizou-se também, uma pesquisa de campo, onde foram aplicados questionários envolvendo 216 alunos matriculados nos 1º e 4º anos dos cursos de Ciências Sociais, Filosofia, História e Letras. Ao término da pesquisa, constatou-se, por meio das falas dos discentes, que a situação da profissão docente na sociedade contemporânea está relacionada à precarização que tem acompanhado o profissional da educação desde o princípio da profissão, bem como, à aspectos relacionados à vocação no magistério. Isto posto, é imprescindível que os cursos de licenciatura em questão, promova espaços de reflexão e de debates sobre as representações da profissionalização docente tendo como princípio conhecer e reconhecer esta profissão como um espaço fundante para a formação de sujeitos críticos, autônomos e emancipados.

Palavras chave: Ser Professor, Trabalho e Precarização Docente. Formação de professor.

A identidade do ser e do fazer docente sob a perspectiva discente: alguns desafios e possibilidades no âmbito formativo

Resumo

O presente artigo tem como objetivo, identificar e analisar as representações dos discentes em relação ao ser e fazer docente. Para o desenvolvimento da análise deste trabalho, utilizou-se uma pesquisa bibliográfica pautada em pressupostos teóricos de autores que trabalham com o tema, objeto do nosso estudo. Realizou-se também, uma pesquisa de campo, onde foram aplicados questionários envolvendo 216 alunos matriculados nos 1º e 4º anos dos cursos de Ciências Sociais, Filosofia, História e Letras. Ao término da pesquisa, constatou-se, por meio das falas dos discentes, que a situação da profissão docente na sociedade contemporânea está relacionada à precarização que tem acompanhado o profissional da educação desde o princípio da profissão, bem como, à aspectos relacionados à vocação no magistério. Isto posto, é imprescindível que os cursos de licenciatura em questão, promova espaços de reflexão e de debates sobre as representações da profissionalização docente tendo como princípio conhecer e reconhecer esta profissão como um espaço fundante para a formação de sujeitos críticos, autônomos e emancipados.

Palavras chave: Ser Professor, Trabalho e Precarização Docente. Formação de professor.

Introdução

Pretende-se, neste estudo, compreender a identidade do ser e fazer docente, já que neste contexto da sociedade contemporânea, a identidade docente vem sofrendo modificações em razão de um cenário sócio-político-econômico e tecnológico, o que faz com que seja construída pelo imaginário social uma identidade que muitas vezes não representa de fato o conceito e o contexto do ser professor, ou seja, esta identidade, no que tange ao ideário social, acaba sendo entendida no âmbito do senso comum, proporcionando, desta maneira, uma análise fragmentada da formação e do trabalho do professor. Para Bauman (2005) a identidade é solta, algumas nós apropriamos e tomamos como nossa, porém outras são atribuídas e disseminadas por outras pessoas a nossa volta.

Materiais e métodos

Em busca de algumas respostas para a nossa indagação, realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre o tema formação e trabalho docente e uma pesquisa de campo com os alunos dos 1º e 4º anos dos cursos de Ciências Sociais, Filosofia, História e Letras. No que se refere à pesquisa de campo elaboramos um questionário com uma única pergunta: O que é ser professor? para os alunos dos referidos cursos, a qual poderia ser respondida de forma escrita ou por meio de um desenho. Os sujeitos participantes da pesquisa apresentam uma faixa etária entre 17 e 52 anos, totalizando 216 alunos.

Dado o questionário, faz-se saber que o nosso objetivo foi identificar e analisara representação social dos discentes em relação ao ser e fazer docente. É necessário ressaltar que para compreendermos melhor sobre o conceito de representação social, nos fundamentamos em Jodelet. Para este autor, representações sociais são “[...] uma forma de conhecimento socialmente elaborado, com um objetivo prático e que, portanto, contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.” (2001, p. 22). As representações sociais expressam neste sentido, a forma como o sujeito observa, compreende e explica o mundo.

Dito isso, a metodologia de pesquisa utilizada para analisar a fala dos alunos teve como parâmetro a Análise do Discurso. Para Orlandi (1999) a análise do discurso “[...] concebe a linguagem como mediação entre o homem e a realidade natural e social. [...] e torna possível tanto a

permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive" (p.15).

Outra etapa em nosso estudo deu-se com a análise da matriz curricular dos cursos de licenciatura em questão, que teve como finalidade conhecer, por meio da elaboração desses currículos, como é percebida a formação do professor na sociedade contemporânea abrangendo uma formação teórica e prática.

Resultados e Discussão

Por meio da análise das falas dos discentes constatou-se que não houve diferença entre os cursos e os anos cursados quando estes responderam ao questionário, pois os alunos dos 1º e dos 4º anos, em sua grande maioria, significaram o que é ser professor de forma parecida, remetendo o ser e fazer docente em duas categorias: precarização docente e professor vocacionado.

No que tange a **precarização do trabalho docente**, os alunos apontaram para as dificuldades da profissão, como os "baixos salários", "desqualificação profissional", "violência" e "profissão de risco". Nesta representação os discentes colocam o professor à margem da sociedade; já que ao manifestarem acerca da precariedade do trabalho do docente, os alunos motivam reflexos negativos para o exercício desta profissão, como veremos nos discursos abaixo:

[...] A profissão do professor é uma profissão de risco, pois muitos são agredidos fisicamente e verbalmente e sofrem ameaças constantes de alunos. (aluno 1., 1º ano de História).

Ser professor na atual conjuntura é basicamente assim: Uma caixa de papelão grande que não tem valor, está cheia de tijolos e molhada, onde a melhor opção é deixá-la onde esta e como está, pois um dia poderá servir para alguma coisa (aluno 2, 4º ano de História).

[...] mesmo sabendo a importância do professor, ninguém faz algo que realmente ajude a nossa profissão a ser mais segura e reconhecida. (aluno 3, 1º ano de Letras).

O professor é um dos contribuintes para o desenvolvimento da humanidade. Tem a difícil tarefa de formar cidadãos. Infelizmente, não é apoiado pelos governantes e boa parte dos alunos desrespeitam tais professores. Socialmente e politicamente falando não são vistos com tanta importância quanto deveriam. Por tais dificuldades, não tenho vontade de desenvolver a profissão, é grande a desmotivação (aluno 4, 4º ano de Letras).

Penso que é ser torturado, pelo atual estágio do sistema educacional sendo que este profissional [...] é merecedor de melhores condições tanto nas suas unidades de ensino quanto nas suas bases financeiras. (aluno 5, 1º ano de Ciências Sociais).

[...] a profissão de professor é permeada por violência e preconceito. (aluno 6,

4º ano de Ciências Sociais).

Para mim o professor deveria ser acima de todos os profissionais, mas esta categoria não tem o devido valor do que é ser professor. (aluno 7, 1º ano de Filosofia)

Ser professor é se deixar enforçar, é sofrer por opção. Professores são malucos e pirados, correndo de ponta a ponta de uma cidade (ou de várias), uma aula aqui, outra aula acolá. Vinte horas de manhã, mais vinte horas à tarde, mais vinte horas à noite. (aluno 8, 4º ano de Filosofia).

Dessa maneira, como já está explícito em nosso estudo, ao representarem o professor remetendo à precarização, os alunos expõem que a figura docente no contexto da nossa sociedade contemporânea não tem o devido respeito social, uma vez que sofre um tipo de marginalização, levando a profissão docente a uma desqualificação e conseqüentemente a proletarização, fazendo com que o professor seja visto como um ser social sem valor. Destarte, ao relacionar o professor e sua profissão à precarização tira-se igualmente a importância do docente como formador, visto que, na precarização do trabalho docente o professor tem:

[...] um sentimento de não estar "em casa" no trabalho, de não poder se fiar nas suas rotinas profissionais, em suas redes, nos saberes e habilidades acumuladas graças à experiência [...] um sentimento de não dominar seu trabalho e de precisar permanentemente desenvolver esforços para se adaptar, para cumprir objetivos, para não se arriscar, nem fisicamente nem moralmente. [...] um sentimento de não ter ajuda em caso de problemas graves de trabalho [...]. Um sentimento de isolamento e abandono. (LINHART, 2009 apud SOUZA, 2011, p. 2, 3).

Ao analisar a categoria relacionada a precarização do trabalho docente nos Cursos de Licenciatura de: Ciências Sociais, Filosofia, História e Letras percebeu-se que as categorias mais ressaltadas foram: má remuneração e desvalorização do trabalho docente. Estes aspectos podem implicar na ação docente uma atitude alienada em relação ao trabalho exercido.

O conceito de alienação em Marx torna-se complexo por envolver várias dimensões: a relação do trabalhador com o produto do seu trabalho, com o trabalho em si, a relação com o ser comum, com o outro trabalhador e finalmente consigo mesmo.

Apoiando-se em Marx, Saviani (1997) discute a natureza da docência com base na diferença entre trabalho material e trabalho imaterial e insere a docência neste último, tendo em vista que ela se refere à produção de ideias, valores e conhecimentos. As atividades do trabalho imaterial podem ser ainda distinguidas em dois tipos: uma em que o produtor pode ser separado do ato da produção (por ex. a produção de conhecimento e sua circulação sob a forma de livros) e outra em que a produção e seu produto não se separam. Para Saviani, este último é o caso do trabalho no ensino: uma aula pressupõe a presença do professor e do aluno e nela, o que é produzido pelo professor, é simultaneamente, consumido pelos alunos. (Alves, 2009, p. 35).

Desta maneira a condição do capital apenas perpassa uma parte da definição marxista, pois dentro deste conceito de trabalho o aluno não é apenas consumidor ele também participa do processo. E por ser produtor e produto deste processo é que o trabalho do professor entra neste conceito de alienação.

o papel do professor extrapolou a mediação do processo de conhecimento do aluno, o que era comumente esperado. Ampliou-se a missão do profissional para além da sala de aula, a fim de garantir uma articulação entre a escola e a comunidade. O professor, além de ensinar, deve participar da gestão e do planejamento escolar, o que significa uma dedicação mais ampla, a qual se estende às famílias e à comunidade. (ASSUNÇÃO, 2005, p. 191).

Isto posto, Marx argumenta que a desvalorização do mundo humano aumenta à medida que aumenta na proporção direta a valorização do mundo das coisas. Esse processo implica numa distorção a qual chamou de objetificação, ou seja:

o homem se torna objeto de seu próprio trabalho, ao objetivar sua atividade se objetiva, torna-se inferior e escravo do objeto, e o extremo

dessa servidão é que apenas como trabalhador ele pode se manter como sujeito físico e apenas como sujeito físico ele é trabalhador. (MARX, 1983, p. 281).

É nesse sentido que o trabalho não pertence ao seu ser, é externo; o trabalhador não se firma se nega, não se sente feliz, se desmotiva.

Marx considerava que não é possível entender o processo de alienação sem relacioná-lo com a propriedade privada. A propriedade privada entra no contexto em que se apresenta este texto não no sentido de coisa, mas de relação, relação do trabalhador com o produto de seu trabalho. E no trabalho do professor o aluno não é apenas objeto, mas também sujeito no processo educativo.

Nesse processo, contudo, se conjuga também o aluno, considerado sujeito, ser ativo no trabalho pedagógico. O que a escola faz então não se restringe ao ensinar e aprender em sala de aula, pois se conecta a conhecimentos, valores, atitudes, e ao mesmo tempo, com um sujeito ativo que a ultrapassa: Não existe uma educação completa do aluno, a educação é sempre inacabada. (ALVES, 2009, p. 39).

Assim sendo, o saber e o trabalho docente entra, com efeito, no caminho das personificações, na construção de individualidades, dentro das possibilidades estabelecidas pela sociedade atual.

O capitalismo contemporâneo amplia sua exploração por áreas até então pouco mercantilizadas, se alastra não somente com força nas modificações estruturais no âmbito da produção, mas também com sofisticação e sutileza, conformando subjetividades. (Idem, p. 37).

Além das especificidades do capital, que leva o docente a um estado de auto- alienação, o professor atualmente tem vários desdobramentos em sua vida laboral, pois possui diversas faces em que é praticamente obrigado a se dedicar mais amplamente às diversas “imposições” sociais, como por exemplo, participação em diversos projetos sociais. Projetos estes, não construídos e nem pensados pelos profissionais da educação, mas sim, encomendados por um sistema de ensino que não leva em consideração a realidade concreta em que o sujeito está inserido. Contribuindo com esta análise, Lemos afirma que:

Na prática pedagógica alienada o professor realiza um trabalho que não lhe pertence no sentido humano, não pode convertê-lo em elementos da sua própria vida. O trabalho torna-se meio de assegurar sua existência e então acaba realizando o que é encomendado e, mais que isso, reproduzindo o pensamento dominante (LEMO, 2006, p. 10).

Para os discentes participantes desta pesquisa, o que se percebe no que tange a representação em relação a precarização do trabalho docente, é que há uma desvalorização da educação como um todo, a desvalorização de seu espaço de trabalho, de sua atividade e de si mesmo, provocando uma espécie de submissão laboral, uma atividade esvaziada de sentido que compromete a concretização de uma educação para a emancipação e para a autonomia.

Algo como uma “normalidade sofrida” como especifica bem Dejours (2001, p.36):

[...] sendo, pois a normalidade não o efeito passivo de um condicionamento social, de algum conformismo ou de uma normalização pejorativa e desprezível, obtida pela interiorização da dominação social, e sim o resultado alcançado na dura luta contra a desestabilização psíquica provocada pelas pressões do trabalho.

Há um sentimento compartilhado pelo grupo estudado de que as perdas salariais, os desajustes das políticas públicas, a excessiva carga horária entre outros fatores, levam a um processo de auto desvalorização e alienação.

Faz-se necessário ressaltar que a busca de valores individuais ou coletivos que levam os professores a desenvolverem processos de alienação ou emancipação pode vir como forma de negação de seu trabalho, mas também pode surgir como uma forma de transformação de sua própria realidade. Constrói-se, desta maneira, o verdadeiro sentido da práxis, como ação transformadora sustentada pelo conhecimento da realidade e reflexão que supera o imobilismo e fortalece o sentido da ação educativa (CALDAS, 2007, p. 111).

A segunda categoria representada pelos discentes, foi a do “**ser professor vocacionado**”, e estes a relacionaram as seguintes características: vocação, missão, herói, dom de deus, amigo, espelho, um ser que leva a luz e salvador da pátria. Estes discursos podem ser identificados nos dizeres dos discentes, quando os mesmos apontam que:

[...] ser professor é como uma fonte de ternura, confiança e defesa a filhos de famílias desamparadas (aluno 1, 1º ano de História).

Ser professor é ter esta imensa responsabilidade, mas é algo mágico, é algo que dá imenso prazer, pois você participa do aprendizado e vê a evolução. (aluno 2, 4º ano de história).

Para ser professor é necessário dom, vontade, amor, e a sede de até mesmo tentar ser um pouco herói, pois a intenção é levar sabedoria, ensinamentos, cultura, sabendo que a Educação é uma forma de se obter uma vida melhor (aluno 3, 1º ano de Letras).

Ser professor é ser paciente e ter o dom de se doar sem esperar nada em troca, somente a sensação gratificante de saber que seu aluno aprendeu e se tornou um cidadão mais crítico e consciente. (aluno 4, 4º ano de Letras).

Em um país como o nosso ser professor é ser um guerreiro, é ter a missão de mudar um país com o mínimo de salário para viver e sem estrutura para preparar uma aula e passar o conhecimento adequadamente, pois tudo é o mais precário possível. (aluno 5, 1º ano de Ciências Sociais).

É um sujeito social dotado de poder institucional para transmitir conhecimentos a outros sujeitos, com idades inferior a sua. [...] (aluno 6, 4º ano de Ciências Sociais).

Ser professor é ser aquela figura respeitada e principalmente admirada pelos alunos e pelos cidadãos ao redor, é aquele ser imponente, que transmite ao aluno ser a fonte para as respostas de todas as dúvidas frequentes

Professor, profissão mais honrada, mesmo com todos os interditos ele não perde o reboledo. Se virando como pode naquilo que foi confiado, ensinar é responder um chamado, para aquele que não tem, tome muito cuidado, pois nesta profissão se não tiver amor poderá morrer frustrado. (aluno 8, 4º ano de Filosofia).

As representações dos discentes, até o momento, podem ser relacionadas com as análises realizadas por Almeida (1998), por meio de redações, produzidas por professoras, sobre “O educador e sua missão de educar”, ou seja, nessa pesquisa, o autor constatou que a função de educar é santificada pelos professores, pois eles não exercem uma profissão, mas uma missão árdua, um sacrifício que exige resignação, um sublime ideal que exige estoicismo, um trabalho heróico, um sacerdócio. Almeida (1998) compara o ser professor com as seguintes metáforas: estrela, farol, luz, lâmpada, sol, vela, porta, caminho, artista, escultor, ator, maestro, jardineiro, médico, psicólogo, tribuno, Cristo, Jesus, missionário, espelho, herói, arauto, pai.

Sendo assim, e tendo como parâmetro o pensamento de Chodorow (1990), pode-se destacar que a imagem do ser professor e/ou professora continuam sendo consideradas como vocação e dom natural no que tange ao contexto do magistério. Cristina Bruschini (1981, p. 72) contribui com a análise em relação a vocação, afirmando que:

A utilização do conceito de vocação que se associa à ideia de que as pessoas possuem dons naturais e uma predisposição para o desempenho de determinadas ocupações constitui um dos mecanismos mais eficazes para induzir a escolha da profissão do magistério. Sendo assim, os professores passam a acreditar que sua opção foi fruto de uma verdadeira vocação e não uma escolha que leva em conta as possibilidades concretas de realização profissional na carreira que vai ser seguida.

Com base nas representações dos discentes verificou-se também que os mesmos relacionaram o ser professor aos aspectos de virtude, amor, carinho, moral, civismo, maternidade, família, vocação, entre outros. Tais aspectos estão imbricados na construção do imaginário social de uma sociedade, sendo manifestados através de sistemas simbólicos instituídos, como a linguagem, esquemas operativos de representações e de ações, nos quais encontra-se uma dimensão funcional, indenitária, e um sentido que se prende à dimensão imaginária ou significativa, o que se observa nas místicas, nas canções e outras manifestações do movimento. "Esse sentido pode ser percebido, pensado ou imaginado, se faz presente no discurso, mas se constitui como um núcleo independente de todo discurso e de toda simbolização" (CORDOVA, 1994, p. 30).

Alguns discentes dos cursos de licenciatura representaram também o ser e fazer docente por meio de sentimentos relacionados aos valores moral e cívico, como pode ser visto a seguir:

Ser professor é formar indivíduos, em sentido moral, social, político com o objetivo de serem produtivos para a sociedade (aluno 1, 1º ano de Letras).

Definir o professor é bastante complexo. Temos várias visões que podem nortear essa representação. Mas para mim para definir em poucas palavras, professor é ser exemplo em primeiro lugar. Exemplo moral e social (aluno 2, 4º ano do curso de História, período noturno).

Formador da moral, caráter e da ética, aquele que ocupa a cátedra da presidência e o mais humilde do cidadão, obrigatoriamente passou por esse profissional [...]. (aluno 3, 1º ano de Ciências Sociais).

Ser professor é fazer algo para o benefício do mundo. Enfim, a figura do professor é de fundamental importância na construção do humano. (aluno 4, 4º ano de Filosofia).

Tendo como parâmetro as falas acima entende-se que as representações dos alunos em relação ao ser e fazer docente estão relacionados também a valores moral e cívico, e esta, está impregnada do discurso da obediência e da santidade, misturado de maneira não muito clara ao de patriotismo. Não se questionam as noções de respeito e amor à pátria, direitos e deveres. Não se pergunta: quem os instituiu, a quem interessam, por que foram instituídos dessa forma e não de outra? O mito da igualdade civil e da cidadania atravessa os conteúdos escolares, os programas de ensino, os projetos pedagógicos, sem discutir suas raízes históricas, o contexto de poder em que foram instituídas. A aproximação entre educação, patriotismo e religião foi e continua sendo uma constante. O professor e ou professora quase sempre são vistos como alguém que tem que pautar sua vida no modelo moral e cívico proposto pela sociedade em que estão inseridos.

Assim, de acordo com essas representações, justifica-se repensar as representações do ser professor e do seu trabalho docente, pois no decorrer da história da educação a imagem deste profissional foi e é relacionada a de um justiceiro social ou de um missionário. Essas representações tornam o professor o único responsável por uma educação que transforma o homem e o mundo. Nesta perspectiva, "[...] o professor compreende o seu trabalho como um cumprimento de dever, de caráter militante, que lhe proporciona satisfação pessoal, embora as condições de trabalho sejam inadequadas." (SOUZA, 1993, p. 168). Neste caso, a docência deixa de ter um caráter político e pedagógico, que faz do professor um mediador do conhecimento, para assumir um caráter exclusivamente social, como se o professor e a educação dessem conta de todos os problemas da sociedade.

Para tanto, por meio da realização desta pesquisa foi possível identificar várias questões que permeiam o significado do ser professor. Os resultados mostraram que não há muita variação no entendimento do que significa ser professor para os discentes ingressantes e concluintes dos cursos de licenciatura da Universidade Estadual de Londrina. Os dados coletados e analisados apresentam a recorrência de algumas representações em turmas e cursos distintos. As representações do ser professor como modelo, amigo, herói e amor são as mais presentes no imaginário dos licenciandos, revelando assim, uma ideia um tanto equivocada sobre a identidade profissional do professor, pois desde a antiguidade ser educador tem se esboçado como mestre, modelo a ser seguido, dotado de heroísmo e amor e isso permanece muito presente atualmente, porém, é importante entender que ser professor não é algo inato, mas sim um processo de construção e reconstrução de saberes, práticas e vivências adquiridas.

Assim, as representações sobre o ser professor no entendimento dos discentes dos cursos participantes da pesquisa apontam para a necessidade de refletir e realizar estudos no que se refere ao currículo, podendo assim, estranhar a evolução da profissão ao longo do tempo, ajudando na construção de uma identidade profissional mais consolidada.

Todavia, é necessário que as licenciaturas trabalhem no sentido de problematizar, discutir e entender melhor o que significa ser professor, pois todas as representações mencionadas podem, de certa forma, influenciar ou até mesmo fragilizar a identidade docente, pois é no tempo e no espaço da formação na licenciatura, que o aluno deve ter a oportunidade de reconstruir ou construir novas representações, com base no aprofundamento do conhecimento específico, nas relações deste com o conhecimento pedagógico, na articulação que faz do mundo com seu mundo particular. Isto porque passa a ser imprescindível que os discentes de um curso de licenciatura saiam da universidade com um panorama diferente de quando entraram no curso.

[...] ser professor requer saberes e conhecimentos científicos, pedagógicos, educacionais, sensibilidade, indagação teórica e criatividade para encarar as situações ambíguas, incertas, conflituosas e, por vezes, violentas, presentes nos contextos escolares e não escolares. É da natureza da atividade docente proceder à mediação reflexiva e crítica entre as transformações sociais concretas e a formação humana dos alunos, questionando os modos de pensar, sentir, agir e de produzir e distribuir conhecimentos (PIMENTA; ANASTASIOU, 2005, p. 14).

As especificidades da profissão docente, o conjunto de características que compõem a identidade profissional, debates sobre os rumos e propósitos da educação, os planejamentos, planos e programas da educação nacional, o papel do professor e as devidas condições necessárias para o desenvolvimento da profissão docente requerem espaço na formação para tais reflexões.

Considerações Finais

Como considerações finais, ficou claro em nosso estudo a necessidade de promover um amplo debate nos cursos de Ciências Sociais, Filosofia, História e Letras da Universidade Estadual de Londrina no que tange a formação e ao trabalho docente no contexto da sociedade contemporânea, uma vez que estes cursos formam exclusivamente para a docência. A partir dos dados coletados foi possível constatar

também, que os futuros professores em formação dos referidos cursos, representam o ser e fazer docente como algo vocacionado e precarizado, sem, no entanto, terem um estranhamento dessas representações.

Dessa maneira, entendemos que a docência e sua profissão necessitam ser problematizados no contexto das licenciaturas, uma vez que os alunos dos cursos pesquisados por nós estão mais que representando socialmente a profissão do professor, pois estes estão de certa forma, "lançando um olhar" para o futuro como docentes, ou seja, estas representações carecem ser investigadas, questionadas e ressignificadas, pois caso não sejam, possivelmente serão reproduzidas na prática docente.

Neste sentido, vemos com urgência um repensar da grade curricular destes cursos, já que ao representar a docência como o exposto no texto, sem uma reflexão contextualizada e crítica, há uma grande possibilidade desses futuros professores repetirem em suas práticas profissionais essa mesma representação que têm em suas formações, que é uma representação que já vem pronta, oriunda do senso comum, imposta pela sociedade.

Contudo, entendemos que as representações dos discentes dos cursos de licenciatura da UEL podem levar a questionamentos de ideias, de práticas para pensar e construir novas possibilidades em relação ao ser professor e ao trabalho docente. Para tanto, é necessário que as licenciaturas por meio dos seus currículos promovam espaços de reflexão e de debates sobre as representações da profissionalização docente, já que as vozes e opiniões destes alunos são elementos vitais da própria mudança.

Referências

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. (Prismas).

ALVES, G. **Dimensões da globalização**: o capital e suas contradições. Londrina: Práxis, 2009.

ASSUNÇÃO, I. **Interdisciplinaridade**: uma tentativa de compreensão do fenômeno. In: FAZENDA, I. (Org). Práticas interdisciplinares na escola. São Paulo: Cortez, 1991.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2005.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. **Vocação ou profissão? ANDE**: Revista da Associação Nacional de Educação, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 70-74, 1981.

CALDAS, Maria das Graças Conde. **Leitura crítica da mídia**: educação para a cidadania. 1º Seminário Nacional O Professor e a Leitura do Jornal, Campinas, 2007. Disponível em <http://migre.me/1jjD5>. Acesso em 15/09/2010.

CHODOROW, Nancy. **Psicanálise da Maternidade**: uma crítica a Freud a partir da mulher. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos Ltda., 1990.

CÓRDOVA, Raquel Vieira de. **Ficar em terra**: o processo de migração de profissionais da pesca. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Universidade Federal de Santa Catarina, mimeo, 1994.

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. Trad. Luiz Alberto Monjardim. 4ª

2001. São Paulo: FGV, 2001.

JODELET, D. **Representações sociais: um domínio em expansão**. In: _____. **As representações Sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

LEMONS, Daniel. **O discurso de Ordem**: a constituição do campo docente na Corte Imperial. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MARX, Karl. **Para a crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

_____. **O Capital**: Crítica da economia política. Vol. I, Tomo I. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso**. 1ª ed. Campinas – SP, editora Pontes, 1999.

PIMENTA, Selma G.; ANASTASIOU, Léa das G. C. **Docência do ensino superior**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SAVIANI, Dermeval (2007). **Instituições escolares no Brasil**: conceito e reconstrução histórica. In: NASCIMENTO, M.I.M, SANDANO, W., LOMBARDI, J.C. e SAVIANI, D. (Orgs.), Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica. Campinas, Autores Associados, p. 3-27.

SOUZA, A. N. de. **Sou professor, Sim Senhor!** Representações, sobre o trabalho docente, tecidas na politização do espaço escolar. 1993. 287f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.